

Presos no vulcão

Dois colegas de universidade, numa escalada ao Monte Ruapehu, na Nova Zelândia, acabaram no lugar errado, na hora errada...

POR PAUL CONNOLLY



William Pike, à esquerda, com um amigo, Cameron Walker, durante uma escalada em 2006.

A erupção do Monte Ruapehu durou apenas um minuto, mas lançou uma nuvem de cinzas a 4,5 km de altitude – e a lama vulcânica que se formou caiu em cima de uma cabana de madeira (no círculo e, desde então, coberta por neve), onde Pike e Christie tinham buscado abrigo durante a noite.



Pouco depois do anoitecer de 25 de setembro do ano passado, William Pike parou perto do cume gelado do Monte Ruapehu e pensou sobre a boa sorte que tinha. Dias antes, esse professor primário neozelandês de 22 anos apresentara a tese de bacharelado em Educação; era a primeira vez em anos que se sentia maravilhosamente livre.

Além disso, o professor, atleta entusiasmado e amante do ar livre, estava havia 48 horas numa caminhada de seis dias pela montanha no Parque Nacional de Tongariro, acompanhado por James Christie, 21 anos, grande colega de estudos e de profissão. Agora, usando grampos e bem protegido da temperatura abaixo de zero, Pike, com o tripé e a câmera no alto de um domo de pedra, tentava registrar a vista majestosa com o que restava da luz do dia.

Uns cem metros acima dele, ao longo de uma escarpa, ficava o Taurangi, pico de 2.797 m do Monte Ruapehu, vulcão ativo e montanha mais alta da Ilha do Norte da Nova Zelândia. Algumas centenas de metros abaixo achava-se o espetacular Lago da Cratera, vasto reservatório de água formado na maior das bocas do Ruapehu. Mais abaixo ainda, e fora de visão, estava a pista de esqui por onde ele e Christie tinham subido na véspera.

Sim, a vida é boa, pensou Pike antes que o vento ríspido e o frio cortante ficassem fortes demais. Ele desceu até o Abrigo do Domo – cabana de madeira às vezes usada pelos cientistas que monitoram o Lago da Cratera – para juntar-se a Christie lá dentro.

Por volta das oito da noite, depois de mandarem mensagens para a família e os amigos avisando que estavam bem, Pike e Christie desligaram as lanternas de cabeça. No assoalho de compensado da cabana, deitaram-se um ao lado do outro, junto à porta, em seus sacos de dormir. Quase na mesma hora, Christie adormeceu profundamente, mas Pike ficou deitado no escuro, antevendo com entusiasmo o que o aguardava no dia seguinte.

Dali a uns 20 minutos, Pike ouviu um estrondo lá fora. Então, de repente, a porta se abriu com força espantosa, batendo em suas pernas. Assustado demais para sentir dor, ele se ajoelhou no saco de dormir e olhou pela porta aberta, como que esperando encontrar alguém fazendo uma brincadeira de mau gosto.

Em vez disso, iluminada pelo brilho fantasmagórico da lua cheia, uma imensa nuvem de cinzas, pedras e destroços enchia o ar. Pedrinhas começaram a pinicar-lhe o rosto, e pela primeira vez Pike ouviu um rugido alto, como vapor escapando de uma válvula de pressão gigante.

Enquanto se levantava, Christie custou a perceber que o amigo estava em pé na porta à medida que a onda de lama, pedras e água gelada invadia o abrigo. Pike recebeu a onda em cheio e foi jogado como um boneco no vão da porta que dava para o outro compartimento da cabana. Caiu sentado e sentiu que cada vez mais destroços enlameados o envolviam.

O mais assustador era que o nível da água subia depressa. Em poucos



James Christie ao lado do Abrigo do Domo, antes de o vulcão entrar em erupção e prendê-lo dentro da cabana.

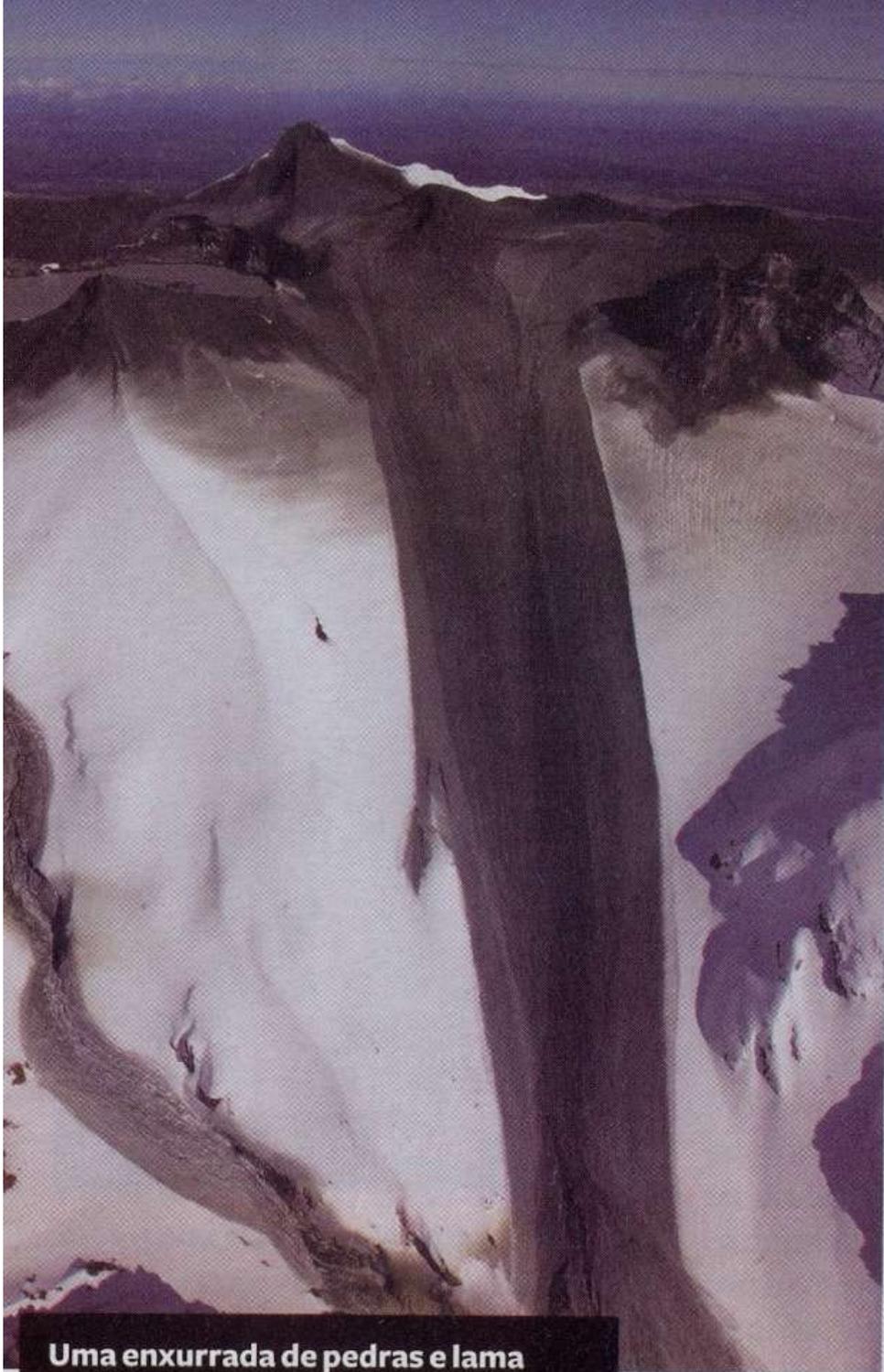
instantes Pike teve de espichar o pescoço para manter o rosto acima da água gelada. Menos de 30 segundos depois do estrondo inicial, temeu por sua vida, com medo de se afogar, quem diria, no alto da montanha.

Então a água baixou tão depressa quanto subira, envolvendo Pike numa massa de lama e pedras do joelho para baixo. Usando as mãos, ele raspou e cavou desesperado, na tentativa de libertar as pernas presas.

Enquanto isso, Christie saíra da água e do saco de dormir, agarrando-se com os braços a um cano que passava na parede ao lado. Quando se pôs de pé, a água recuara e a lama quase se solidificara na temperatura de -8°C . Sua

primeira impressão foi a de que o teto afundara após um terremoto. Só depois Christie percebeu que o vulcão do Monte Ruapehu entrara em erupção pelo Lago da Cratera, mandando uma chuva de *lahar* – água, lama e pedras – diretamente sobre o Abrigo do Domo. Se tivessem dormido na barraca ou numa caverna de neve, como tinham pensado em fazer, estariam mortos.

Por sorte, Christie fora dormir com a lanterna de cabeça no bolso do colete. Ao acendê-la, viu Pike caído contra a parede, o rosto respingado de lama, cinza e queimaduras de enxofre.



Uma enxurrada de pedras e lama produzida pela erupção ficou marcada na montanha.

“Tire-me daqui, James!”, gritou Pike, e juntos conseguiram puxar o saco de dormir e libertar sua perna esquerda que, no escuro, parecia ilesa. Mas a rótula fora despedaçada, e Pike só conseguia endireitar e dobrar a perna usando as mãos. Havia também um grande ferimento na batata da perna, coberto de lama e cinzas.

Depois de tentar, sem sucesso, içar Pike da lama, Christie atacou, com a picareta de gelo, o monte de destroços congelados em torno da perna direita do amigo.

“Afastete as mãos, ou vai acabar perdendo um dedo”, ordenou Christie, brandindo a ferramenta com toda a força.

As fagulhas voavam quando a picareta atingia as pedras. Mas ele acabou conseguindo fazer uma abertura de tamanho suficiente para segurar a canela de Pike com as mãos. Quando o fez, Christie pensou ter achado um pedaço de madeira. Tentou soltá-lo. Só quando viu sangue é que percebeu ser a tíbia de Pike – o osso saíra da perna. Felizmente, anestesiado pelo frio e pela pressão das

pedras, ele não sentia nada.

Enfraquecido pelo choque e pela perda de sangue, Pike logo começou a dizer coisas sem sentido. Era óbvio que estava muito ferido, e, ainda que a perna direita pudesse ser libertada, Christie não conseguiria levá-lo sozinho montanha abaixo.

“Não posso tirar você daí. Vou buscar ajuda”, disse Christie, cuja intenção era pedir socorro na cabana do Clube Alpino da Nova Zelândia, to-

talmente equipada e situada montanha abaixo, no alto da pista de esqui.

Depois de vestir roupas quentes, calçar as botas e pegar a picareta, Christie seguiu para a porta.

- James - pediu Pike, com a voz tão calma que ele mesmo se surpreendeu -, quero que você diga aos meus pais que os amo.

Christie respondeu:

- Ora, deixe de bobagem. Você mesmo vai dizer isso a eles.

Até onde podia ver, o amigo estava muito ferido e gelado, mas agüentaria bem.

Com experiência em primeiros socorros e mais familiarizado com as caminhadas e escaladas na neve e no gelo, Pike sabia vivenciar situações de emergência. Calculou que o tempo para pedir socorro e para a equipe de resgate se reunir e chegar até ali podia ser de umas seis horas. Se demorasse tanto, ele não sobreviveria.

Quando Christie saiu do abrigo, Pike tremia de frio, mas, por conhecer os vários estágios da hipotermia, sabia que os arrepios logo passariam. Depois, sentiria uma certa euforia enquanto o corpo se desligava. Só precisava evitar pegar no sono. Caso dormisse, Pike temia nunca mais acordar.

Quando saiu do Abrigo, Christie viu cinzas cobrindo a neve, crateras deixadas por pedras que caíram e um rio congelado de *lahar*. Partiu o mais depressa que pôde, tentando refazer o caminho da tarde. Mas, sem os grampos para ajudá-lo a descer, seria escorregadio demais. E, se algo lhe acontecesse, sem dúvida Pike morreria.

Durante a subida, os dois tinham visto esquiadores perto de uma geleira na encosta do Ruapehu e Christie decidiu descer pela geleira de Whakapapa, numa rota mais longa, porém mais suave. Uma vez na geleira, ajudado pelo luar, ele praticamente rolou pela neve funda na corrida para pedir socorro.

Dali a algum tempo, foi para a direita, para fora da geleira, que se afastava da cabana do Clube Alpino. Quando saiu, a adrenalina "bombando", passou por rastros de esqui e confirmou que ia na direção certa. Então, uns 30 minutos depois de deixar Pike, viu um refletor ao longe. Gritou pedindo ajuda e logo se viu banhado de luz. Fora avistado por Shane Buckingham, gerente do Teleférico Alpino de Ruapehu, que dirigia um *snowcat*, veículo próprio para andar na neve, usado para alisar as encostas para os esquiadores.

Buckingham mal começara o turno da noite quando houve a erupção, e escapara por pouco de uma torrente de *lahar*. Incapaz de voltar montanha abaixo, estava examinando os danos quando ouviu os gritos de socorro.

- Socorro! Socorro! Meu colega está preso! - gritou Christie, balançando a picareta no ar.

- Ei! - disse Buckingham. - De onde você está vindo?

Não demorou muito para Christie sentar-se na cabine do *snowcat*, tentando se aquecer. Tirou parte da roupa molhada, e Buckingham lhe deu uma pastilha de menta e ligou o aquecimento ao máximo. Com o rádio do *snowcat* ligado, Christie teve uma sen-



A equipe médica do Hospital Waikato reunida para se despedir de Pike antes de ele receber alta.

sação de segurança e não temeu pelo colega, ainda mais porque, quando deixara a cabana, Pike parecia muito lúcido e calmo.

Pelo rádio, Buckingham transmitiu à sede a notícia sobre Christie e Pike. Às dez da noite, o grupo de resgate, formado por cinco pessoas, já se reuniu e estava a caminho montanha acima. Pouco antes da meia-noite e vinte, umas quatro horas depois da erupção, os faróis do *snowcat* varreram o Abrigo do Domo.

O pessoal do resgate encontrou Pike

quase morto, caído junto à porta. Sabendo que tinham pouco tempo para salvá-lo, tentaram libertar-lhe a perna do monte de lama e pedra. Picaretas, marretas, pás e pés-de-cabra foram usados para deslocar a rocha que esmagara a perna direita. Depois, tiveram de enfrentar a horrenda tarefa de endireitar a perna esfacelada e retorcida para colocar Pike na maca. Envolto em cobertores, Pike foi carregado até o *snowcat* e levado montanha abaixo.

Era uma e doze da madrugada quando o

snowcat chegou à sede da Pista de Esqui de Whakapapa, onde a ambulância o aguardava. Com a temperatura do corpo oscilando em torno dos 25°C, o quadro clínico de Pike foi registrado como “Estágio Um”, tão grave que ele poderia morrer a qualquer momento.

Mais ou menos ao mesmo tempo, quatro policiais bateram à porta de uma casa no subúrbio arborizado de Forrest Hill, no litoral norte.

“Houve uma erupção no Ruapehu, e William estava por lá”, disse um dos guardas a Barry e Tracy, pais de Pike. “Talvez ele não sobreviva.”

Pouco depois das onze e meia da manhã do dia seguinte, Pike acordou e viu uma mancha branca acima dele. A princípio, pensou que estava numa caverna de neve. Mas, aos poucos, tudo entrou em foco, inclusive a máquina à qual estava conectado na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Waikato, uns 130 quilômetros ao sul de Auckland.

A última coisa de que Pike se lembrava era de James Christie deixando-o no Abrigo do Domo para buscar socorro e de sua própria convicção de que não sobreviveria à espera. O fato de estar vivo foi uma surpresa maravilhosa.

E amorteceu em parte o golpe que estava prestes a receber. Quando os pais chegaram ao Hospital Waikato, Barry, o pai, inclinou-se sobre o rosto do filho: “Nem sei como lhe dizer, mas tiveram de amputar sua perna para salvá-lo. Sinto muito.”

Quando Christie soube que a perna do colega fora amputada, ficou arra-

sado e cheio de culpa. Mas acabou percebendo que, caso também tivesse se ferido, isso atrapalharia a tentativa de buscar socorro naquela noite de erupção no Monte Ruapehu. Conseqüentemente, tanto ele quanto Pike poderiam ter morrido. Esse ponto de vista proporcionou-lhe algum alívio.

O otimismo de Pike também. Ele se concentrou nos aspectos positivos: a perna esquerda se salvara, e a direita fora amputada abaixo do joelho. Para esse desportista jovem e ativo, isso significava que teria mais movimentos naturais quando pudesse usar uma prótese – e, quem sabe, conseguisse até voltar a escalar o Monte Ruapehu.

“Isso acontece”, ponderou Pike ao amigo algumas semanas depois do acidente. “Nós estávamos no lugar errado, na hora errada. Não estou aborrecido com você e nem amargurado. Afinal, eu achava que ia morrer lá em cima e não morri. No meu modo de ver, de hoje em diante todos os dias serão dias bons.”

QUE A VERDADE SEJA DITA...

Meu ex-marido era uma pessoa um pouco difícil de se lidar, mas sempre encontrava respostas boas e bem-humoradas para as situações mais inusitadas. Antes do nosso casamento, ele falou uma bobagem qualquer e eu disse:

– John, não sei se me caso com você ou se ligo você de vez!

E ele respondeu:

– Querida, acho que um dia, provavelmente, você vai acabar fazendo as duas coisas!

Janet Street, EUA

